



LIGA DE ENSINO DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO UNIVERSITÁRIO DO RIO GRANDE DO NORTE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

***BULLYING* NA ESCOLA E O CUIDAR EM ENFERMAGEM**

SILVA, FRANCISCA GONÇALVES¹

FELISMINO, HERICA PAIVA²

RESUMO

As ações de educação em saúde têm potencial para intervenção, prevenção e redução do bullying, o qual, por consequência, constitui um problema inerente à área de enfermagem por possuir uma relação privilegiada com a criança/adolescente, família e sociedade pela capacidade da identificação precoce de situações que possam afetar a saúde do escolar e consequentemente a qualidade de vida quando envolvido em violências e agressões. Compreender como a enfermagem lida com a problemática do *bullying* na escola. Revisão de literatura descritivo-analítica sobre *bullying* e o cuidar em enfermagem, desenvolvido com base em artigos, periódicos e manuais online publicados em português, espanhol e inglês, de 2007 a 2016. Conhecedores de que o maior índice da violência contra crianças e adolescentes surge no ambiente familiar, o profissional da saúde, enfermeiros, agentes comunitários de saúde e demais profissionais, principalmente, da Estratégia da Saúde da Família por estarem mais próximos às famílias, devem estar capazes a identificar, notificar e promover planos e estratégias para barrar o prosseguimento desta violência e, até mesmo precaver a possível existência de novos casos, contudo o resultado da deficitária formação e capacitação destes profissionais é a má qualidade do serviço prestado na identificação da violência.

Palavras-chaves: Bullying. Enfermagem. Serviços de saúde escolar. Família.

¹ FRANCISCA GONÇALVES DA SILVA: franamosenhora@gmail.com; Graduanda em Enfermagem pelo Centro Universitário do Rio Grande do Norte.

² Dra. HERICA PAIVA FELISMINO: hericafelismino@yarroo.com; Mestre e professora pelo Centro Universitário do Rio Grande do Norte.

1 INTRODUÇÃO

O sistema escolar engloba os manejos que possibilitam aos jovens não só o expandir das relações sociais, mas também o desenvolvimento de habilidades, realizações e construção de impulsos e desejos que favorecem o fortalecimento de identidade, sonhos e perspectivas de vida. Contudo, o ambiente escolar traz momentos inoportunos com a utilização de violências nos seus diversos tipos, de forma que o objetivo educacional passa a não ser efetivada, indo de contraponto a adequada maneira de construir crianças, jovens e adolescentes de forma positiva (SILVA, 2013).

A agressividade no meio estudantil é uma problemática de cunho mundial, onde rotineiramente é conduzida com naturalidade e considerada inerente à idade, passando a ser desprezada ou não observada de forma adequada por professores e responsáveis (ALENCAR *et al.*, 2013).

Alves e Salvador *et al.* (2013) conceitua a violência como fato, atos e situações onde o ser humano é conduzido como objeto que passa a ser omitido os direitos e a dignidade necessários ao ser humano, excluindo-o da sociedade. A violência é o oposto da educação, que auxilia a prover o ser humano, o membro da sociedade, o sujeito individual.

Em 1988, surge na Conferência Europeia de Educação o termo universalmente utilizado para intitular a violência escolar: o *Bullying*. Na mesma conferência foi definido que o *bullying* é um comportamento que se caracteriza pela intimidação, violência ou abuso tanto psicológico, físico ou verbal, onde possa ser de maneira intencional e/ou repetitiva e que aconteça sem motivação aparente, tomadas por estudantes em desfavor a outros, podendo desencadear o sofrimento entre uma relação inigualável de poder (ALVES, 2013).

A vítima envolvida em agressões é considerada como integrante à terminologia *Bullying* quando a mesma está inserida em três a seis casos sucessivos ou eventuais de ataques agressivos, dentre um curto período de tempo. A Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Criança e ao Adolescente (ABRAPIA), considera que esse tipo de violência indefere das características da instituição de ensino: básico, público, privado, rural, urbano, mas autores como

Figueredo (2015) relata que séries que possuem jovens em fase de transição para a adolescência possuem maiores índices de *Bullying*.

A prática do *Bullying* intitula os seus praticantes como “autores agressores”, onde os mesmos constroem alvos que passam a ser seres virilizados por sofrerem consequências negativas e, que por vezes, tornam o agredido pouco sociável, inseguro, fragilizado, com baixa autoestima e inóspitos as reações frente a agressões sofridas (FREIRE, 2011).

Apesar de ser uma prática antiga, os primeiros estudos sobre violência escolar surgem na década de 1950 nos Estados Unidos, desde então a situação parece ter se agravado gradativamente. As condutas investigativas direcionadas ao *Bullying* surgiu no início da década de 70 na Noruega, onde foi possível disseminar por todo o mundo o interesse em observar, analisar e, conseqüentemente, combater esse estilo de violência. Já no Brasil, o despertar com o enfoque para o *Bullying* surge tardiamente, com datação de relatos em meios publicitários na década de 90 e, com estudos acadêmicos publicados no início do ano 2000 (BRASIL, 2009).

A adequação da convivência é a melhor maneira de combater a violência, onde a interação pacífica, dialogada e transformadora torna-se instrumento de mudança que suprima as maneiras inadequadas de tratamento interpessoal. A adequação do processo de convivência leva a necessidade de conhecer e respeitar plenamente as diferenças existentes entre as sociedades, como o respeito às distintas escolhas culturais e tradições para que a humanidade possa viver em consonância com o bem-estar e o respeito (BRASIL, 2010).

É notório que o *Bullying* mantém-se inerte no ambiente escolar, onde por vezes os casos são despercebidos e de difícil constatação. O mais preocupando surge quando os sujeitos mediadores da educação optam por não interferir em situações de agressões, por não quererem tornar-se parte ou até mesmo considerarem inaptos a mediar a melhor conduta necessária à vítima (GOMES, 2009).

Essa violência escolar, por sua vez, carrega uma pluralidade de sentidos, que muitas vezes assumem um caráter um tanto que subjetivo, tendo em vista que o que se configura como ato de violência para um pode não ser percebido da mesma forma para o outro.

Nisso, destaca-se a importância da construção de programas de intervenção objetiva ao *antibullying* no qual necessitam ocorrer de forma colaborativa e participativa entre alunos, família e a comunidade escolar articulada ao trabalho entre as equipes de saúde e educacionais (MACIEL, 2009).

O sistema escolar atrelado a atenção em saúde desenvolveu o Programa Saúde na Escola (PSE), onde desde 2007 propõe implementar as políticas de saúde e educação voltadas às crianças, adolescentes, jovens e adultos da educação brasileira se unindo para promover saúde e educação integral. Por meio deste, a equipe em saúde pode participar da desconstrução de práticas aliadas à violência, onde se estabelece ações, atitudes e adequado envolvimento do cotidiano escolar (BRASIL, 2010).

Para tanto, o papel do enfermeiro na escola, como consequência a sua atuação na atenção básica, deve pautar-se na construção de uma perspectiva interdisciplinar e intersetorial para a prevenção do fenômeno *bullying* e nas ações baseadas em evidências, de modo a detectar como melhor trabalhar essa temática com os educandos, na família e na comunidade (SILVA, 2013).

Portanto, as ações de educação em saúde nesse campo têm potencial para intervenção, prevenção e redução do *bullying*, o qual, por consequência, constitui um problema inerente à área de enfermagem por possuir uma relação privilegiada com a criança/adolescente, família e sociedade pela capacidade da identificação precoce de situações que possam afetar a saúde do escolar e consequentemente a qualidade de vida quando envolvido em violências e agressões (GOMES, 2010). O presente tema foi escolhido pelo desejo de conhecer melhor esta temática que cada vez mais vem sendo abordada no meio acadêmico e introduzida na assistência de enfermagem. Outra vertente é considerar o despreparo frente ao adequado manejo pelos profissionais de saúde e o tema proposto.

Então, para direcionar esta pesquisa foi proposto a seguinte questão norteadora: quais as consequências do *bullying* e como a enfermagem lida com esta problemática? Para responder a esta questão, este estudo tem como objetivo compreender a problemática do *bullying* e como a enfermagem lida com esse assunto na escola.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Para uma melhor compreensão da temática em estudo, serão abordadas as consequências do bullying e as ações de enfermagem no enfrentamento desta problemática.

2.1 O BULLYING E SUAS CONSEQUÊNCIAS

Os casos de agressão e violência na escola enquadra-se em modos inseridos na desordem, delitos, desequilíbrios de convivência entre alunos e professores ou alunos e alunos, entre os que se enquadram em condutas ligadas ao *Bullying* (BRASIL, 2010).

As manifestações de violência não somente iniciam em ambientes escolares, mas sim podem ser reflexos dos desequilíbrios de ambientes familiares, onde deveriam ser o ambiente ligado diretamente à adequada proteção e formação do sujeito. Enfatizamos o meio escolar como parte integrante do processo de socialização onde objetivam, na essência, construir a conjuntura necessária à adequada conduta interpessoal (BUSCH *et al.*, 2013).

Os maus tratos eram considerados a partir do momento em que existisse contato físico entre o agressor e o agredido, mas com o evoluir da ciência constata-se que as agressões iniciam através de apelidos, constrangimentos, intimidações e abusos verbais, que por sua vez, deixam consequências psíquicas depredadoras da condição individual e particular do ser humano, onde, corriqueiramente, produz consequências de difícil irreversibilidade (CARVALHO, 2010).

No ambiente escolar, a utilização do *bullying* é destacada como a principal maneira de produção da violência. A terminologia veio incorporada para o dialeto brasileiro unificada à cultura inglesa, onde por meio de tradução corresponde à “valentão/intimidação”, justificando a utilização do termo para elencar os principais tipos de agressões existentes na escola (CARVALHO; BARROS, 2010).

O envolvimento com os atos de *bullying*, tanto como vítima, expectador ou agressor, se constitui em uma forma de problema de convívio escolar que deve ser

puramente estagnado do meio estudantil, contradizendo a ideia que indique a “redução” de tal fato. Outrora, as consequências podem interferir gravemente o ser agredido, desencadeando males desencadeadores da depressão, suicídio, rebeldia, déficit de aprendizado e convívio social. No aspecto do agressor, a agressividade predispõe, principalmente para a fase adulta, à formação da criminalidade e as atitudes antissociais (DOMINO, 2013).

Com isso, sobressai a ideia de criação e implementação de maneiras intervencionistas à desconstrução do *bullying* nos ambientes escolares e de convívio social, de forma a intercalar de forma colaborativa os seres envolvidos na aplicação, observação e recepção da agressão e as equipes construtoras de ideias, educação e saúde (ESPELAGE *et al.*, 2013).

Os primórdios intervencionistas antibullying surgem em meados dos anos 90 no sistema educacional norueguês e britânico, onde por sua efetividade repercute e adentra os países Europeus e Americanos, como o Brasil. A perspectiva do combate ao *bullying* é proposta por meio de ações realizadas em toda conjuntura escolar, inerente a professores, colaboradores, alunos, pais e/ou responsáveis, fomentando maneiras modificadoras à cultura agressiva existente (FARRINGTON; TTOFI *et al.*, 2009).

As evidências do aparecimento de estudos inerentes a agressividade nas escolas brasileiras apresenta-se a partir dos anos 80, onde o desenvolvimento de resultados sistemáticos surgiu através do interesse da representação pública em procurar entender os motivos dos vandalismos, roubos e destruição dos estabelecimentos estudantis da época. Entretanto, só entre a transição do século XX para o XI, que houve o direcionamento para estudos que abordassem a agressividade no ambiente escolar (JENSON *et al.*, 2010).

Diversas são as maneiras adotadas para combater o *bullying*, mas no contexto mundial a construção da inter-relação baseada em intervenções psicoeducacionais e sistemas de aprendizado social e interativo são considerados eficazes para combater com melhor aceitação do público jovem predisposto ao *bullying*.

As ações brasileiras para diminuição do *bullying* baseia-se em pressupostos criados por programas que direcionam inteiramente a prevenção e condução de

casos suspeitos e constatados, principalmente através de pleitos interdisciplinares que envolvem profissões da saúde e educação, mas a maioria das estratégias criadas englobam de forma generalista a violência em ambientes escolares, pondo o *bullying* como subitem entre os demais fatos de agressividade escolar (IIJIMA; SCHROEDER, 2012).

Nessa perspectiva, a fomentação da produção de um modelo eficaz de intercessão as agressividades escolares acrescentam ao sistema educacional subsídios para a atenção construtiva e socializadora do meio educacional. E, como ferramenta, a gestão escolar é posta como mediadora da estrutura de discussão baseadas em vivências e projetos lúdicos, envolvendo a atenção em saúde da atenção básica (JENSON *et al.*, 2013).

Nesse aspecto é importante garantir os meios necessários à introdução, representatividade e a ajuda da conjuntura educacional para minimizar e prevenir os episódios de *bullying* no ambiente escolar, pois a rotina de combate não é um fato de escolha, mas sim um espaço de construção intercalado ao sistema político-pedagógico escolar. Constitui um trabalho propriamente educativo que necessita sensibilizar, conscientizar, inserir, desenvolver e avaliar as noções necessárias a manter o prosseguimento e manutenção das atividades antibullying (IIJIMA; SCHROEDER, 2012).

A observação diferenciada da conjuntura causada pelo *bullying* é direcionada a construção adequadas de projetos políticos-pedagógicos escolares, onde são referenciados e postos de acordo com as finalidades recomendadas ao ensino, a aprendizagem e ao convívio (NASCIMENTO, 2012).

2.2 A ENFERMAGEM E O CUIDAR DAS VÍTIMAS DE *BULLYING*

Surge o Programa Saúde na Escola (PSE), onde tem por objetivo promover a saúde de escolares, seus pais e comunidade escolar por intermédio de ações de educação em saúde, prevenção de agravos, além de atividades assistenciais nos Centros Integrados de Educação Pública, participando assim do processo de construção de Escolas Promotoras de Saúde, com articulação direta entre os

educadores e os profissionais de saúde. O PSE conta com mais de 1.000 profissionais de saúde, entre assistentes sociais, dentistas, enfermeiros, médicos, fonoaudiólogos, nutricionistas, psicólogos e demais profissionais de enfermagem (PEREIRA, *et al.*, 2011).

A participação colaborativa dos professores, pais, responsáveis e equipes educacionais e de saúde direcionadas ao combate ao *bullying*, possibilita o enquadramento de uma vivência onde existe uma redução significativa referente ao *bullying* no contexto escolar, através da incorporação de convívios adequados à dignidade humana e valorização das realidades existentes em cada mundo psico-biológico de ser (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2013).

No contexto preventivo contra à violência, os profissionais em saúde colaboram diretamente como mediadores do antibullying, por meio da criação de espaços e grupos de convivência que propicia a troca de relatos de experiências oportunizadas por quem já vivenciou tamanho mal, sendo com filhos, alunos e até mesmo relatos próprios. Na conjuntura paternal a vinculação intergrupo propicia aos genitores o fortalecimento das maneiras necessárias ao combate e condução do *bullying* (BRASIL, 2010).

Portanto, quando analisa-se a atuação das equipes em saúde em favor ao combate e desconstrução do *bullying* no meio escolar, destaca-se que a inclusão de profissionais da área da Enfermagem em comparação às demais nesse combate, possui maior efeito em virtude da ampla visão em torno do cuidado e do contexto de vida humana, proporcionando a inclusão da intersetorialidade, trans e interdisciplinaridade (RISTUM, 2010).

Com isso, o exercício da equipe de enfermagem, no âmbito do profissionalismo, desempenha seus conhecimentos em prol da modificação social, individual e coletiva. Desse modo, Santos (2011) afirma que a promoção da saúde pela equipe de enfermagem é elaborada de forma preventiva e colaborativa à pessoa no processo de saúde-doença, através do desenvolvimento de intervenções direcionadas as necessidades pessoais e coletivas da sociedade, objetivando a qualidade e melhora da saúde humana.

O papel do enfermeiro na prevenção escolar contra *bullying*, torna-se como atuação necessária da assistência básica em saúde, onde o fortalecimento de uma

assistência que envolva as esferas educacionais e em saúde propõe a real redução e prevenção do *bullying*, tendo para isso a necessária avaliação das ações baseadas em evidências constatadas e atribuídas aos educadores, familiares e sociedade (ORPINAS, 2009).

Nesse caso, a profissional enfermeiro provém o auxílio aos indivíduos nas rotinas de adaptação e incorporação da autonomia, onde o enfermeiro pode observar situações de risco inerentes aos fatos externos que causem vulnerabilidade dos jovens e adolescentes inseridos no contexto escolar, como também, prover as condutas necessárias aos familiares para minimizar as consequências causadas pela violência (NOBLAT *et al.*, 2006).

Silva (20013), ainda relata a importância da inclusão do exercício do enfermeiro em equipe multiprofissional, já que o mesmo irá contribuir diretamente em benefício ao combate ao *bullying* por possuir uma relação distinta com a criança e/ou adolescente, família e sociedade em geral propiciando uma melhor possibilidade de identificação rápida de circunstâncias que possam denegrir a saúde do aluno e, conseqüentemente, o desenvolvimento psíquico-biológico.

3 METODOLOGIA

Este estudo consiste em uma revisão de literatura descritivo-analítica, desenvolvido com base em artigos, periódicos e manuais disponíveis na Scientific Electronic Library Online (SciELO), Biblioteca Virtual da Saúde – Base de Dados de Enfermagem (BDENF) e Biblioteca Virtual da USP.

A Revisão da literatura compreende o processo de busca, análise e descrição de um corpo do conhecimento norteando a busca de resposta(s) a uma indagação exclusiva. O termo “Literatura” cobre todo o material relevante que é escrito sobre um tema: livros, artigos de periódicos, artigos de jornais, registros históricos, relatórios governamentais, teses e dissertações e outras matérias (BRASIL, p.36, 2015).

Os dados foram coletados entre Novembro de 2016 e Março de 2017, por meio destes foi realizado um estudo exploratório para delimitação do tema proposto, a fim de aproximação em torno dos conceitos e métodos que tratam o *bullying* e o cuidar em enfermagem.

Após o uso dos descritores - *bullying*; enfermagem; serviço de saúde escolar; família - foram selecionados 10 artigos dentre os 126 encontrados. Para isso, foram utilizados os seguintes critérios de inclusão: artigos originais, de métodos qualitativos e quantitativos, empíricos e teóricos, em português, inglês ou espanhol, publicados no período dos últimos 10 anos independente do país de publicação. Assim, como critérios de exclusão foram retirados todos os textos não indexados nas bases de dados especificadas ou os textos que não estavam disponíveis na íntegra, artigos escritos em idiomas que não sejam português, inglês ou espanhol, artigos que limitam o tema a *bullying* sem relevância para a enfermagem, artigos sem resumo disponível nas bases de dados em que estavam indexados e artigos inferiores ao ano de 2006.

Nesta etapa foi realizada uma leitura analítica e a criação de um quadro sinóptico com a finalidade de ordenar e sumariar as informações contidas nas fontes, de forma que estas possibilitaram a obtenção de respostas ao problema da pesquisa.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após análise e seleção dos 10 artigos que mais contemplavam os objetivos propostos, será apresentado a seguir, um quadro contemplando as ações de enfermagem no combate ao bullying.

Quadro: Relação dos artigos incluídos no estudo acerca das ações de Enfermagem no combate ao *Bullying* escola.

Autor, Ano e País	Título	Objetivo Principal	Resultado	Conclusão
OLIVEIRA, A. S.; ANTÔNIO, P. S., 2007. (BRASIL)	Sentimentos do adolescente relacionados ao fenômeno bullying: possibilidades para a assistência de enfermagem nesse contexto	Identificar sentimentos que possam estar relacionados com o bullying em adolescentes alunos de 5ª a 8ª séries.	Mostraram que os sentimentos relacionados ao fenômeno são múltiplos e variados, sendo categorizados como aspectos de caráter positivo, aspectos de caráter negativo e aspectos de caráter necessário	Mudanças podem ser efetivadas contra a problemática, entretanto, não se deve deixar evoluir sem implementação de ações.
SANTOS, N. P., 2010. (BRASIL)	"BULLYING" e as ações de enfermagem: uma revisão integrativa.	Conhecer o que os profissionais de enfermagem estão fazendo para minimizar e, prevenir situações de violência nas escolas.	Métodos de prevenção para os envolvidos com bullying, com orientações de resolução do problema para autores e para vítimas, mas também, para professores, pais e toda a comunidade envolvida.	A efetividade das ações virá a partir do momento em que o enfermeiro exercer plenamente sua cidadania, contribuindo para não clandestinidade desse tipo de violência.
SÓ, S.L., 2010 (BRASIL)	<i>BULLYING</i> nas escolas: uma proposta de intervenção.	Apresentar propostas de intervenção sobre a violência escolar e de como o <i>BULLYING</i> ocorre neste contexto.	O tema do projeto proposto fortalece o combate à violência escolar, amplia a prática das relações saudáveis entre os envolvidos e os pais dos alunos, através da inserção e acompanhamento das ações a serem realizadas.	Sugerem-se propostas de intervenção para esse comportamento agressivo que pode vir a afetar a autoestima e a saúde emocional dos adolescentes para uma vida escolar e social mais saudável, a partir de dinâmicas sistematizadas

				pelo Serviço de Orientação Educacional a alunos.
MARTINEZ, F. W. 2011. (BRASIL)	<i>BULLIYNG</i> NO AMBIENTE ESCOLAR: a importância de intervir.	Informar os alunos sobre o fenômeno bullying, por meio de debates em sala de aula que visem à sensibilização, a prevenção e diminuição da ocorrência de tal ocorrência.	Foi possível notar a mudança de comportamento dos alunos envolvidos e a motivação em prosseguir com o trabalho, levando aos demais alunos do colégio.	Proporcionou uma reflexão profunda sobre toda forma de violência, agressão e bullying no espaço escolar, os alunos envolvidos no projeto após o conhecimento e discussão do tema, apresentaram mudanças significativas de comportamento em relação a toda forma de "brincadeiras" preconceituosas, e até mesmo agressivas, e ainda se mostraram motivados a dar continuidade ao trabalho dentro da escola.
ROCHA, K. M. M. 2011. (BRASIL)	Atuação da escola frente à violência: estudo comparativo entre duas instituições de ensino.	Analisar a violência na escola de forma comparativa no contexto de duas instituições de ensino em Natal/RN.	111 (91,74%) presenciaram episódios deste evento na instituição que trabalham; 100 (82,64%) presenciaram a violência verbal; 87 (71,90%) ligaram para os pais quando acontecia algum evento violento que causava lesão aos alunos, 66 (54,55%) acreditaram que a violência familiar é o principal motivo para os jovens praticarem o bullying, 44 (38,98%) observaram os episódios de bullying	A violência na escola vem se expressando em qualquer classe social e que os profissionais estão pouco preparados para lidarem com a situação.

			diariamente; 64 (52,89%) o evento acontecer no pátio.	
RODRIGUES, A. R., et al. 2013 (BRASIL)	<i>BULLYING</i> : ações de enfermagem na infância e adolescência.	Apresentar as possíveis ações de enfermagem na prevenção, diagnóstico e intervenção sobre as consequências do bullying na infância e adolescência.	Ressaltam as graves consequências do bullying no ambiente escolar e a importância do enfermeiro exercer, diante desse problema, um papel de educador em saúde.	O tema é novo na área de Enfermagem e precisa ser debatido, por meio de estudos que resultem em publicações necessárias para que os profissionais possam adquirir capacitação científica para atuarem junto às escolas, na prevenção do bullying e no atendimento aos seus agravos.
NETO, B. W., et al. 2014 (BRASIL)	Intervenção educativa sobre violência com adolescentes: possibilidade para a enfermagem no contexto escolar.	Realizar uma intervenção educativa com adolescentes sobre a violência no contexto escolar, utilizando a metodologia de Círculos de Cultura	A problematização proporcionada pelo Círculo de Cultura permitiu aos adolescentes desvelar as diversas faces de manifestação da violência, mediante situações de agressão física e verbal entre os membros escolares, ameaças contra o professor e violência contra o patrimônio, até aquelas formas simbólicas envolvendo práticas de constrangimento.	A intervenção de educação em saúde abriu possibilidades para inserção da(o) enfermeira(o) no cenário escolar a fim de fortalecer articulações em rede para o trabalho de prevenção à violência.
SILVA, M. A. L., et al. 2014 (BRASIL)	O olhar de professores sobre o <i>bullying</i> e implicações para a atuação da enfermagem	Compreender o <i>bullying</i> escolar, na perspectiva dos professores, e refletir sobre as possíveis ações da área da saúde em seu enfrentamento.	Foram identificadas percepções pontuais sobre o fenômeno e utilização de recursos de intervenção pouco eficazes. No plano interpretativo,	Os resultados apontam para a construção de práticas intersetoriais para o enfrentamento do bullying.

			problematizaram-se as contribuições da saúde e da enfermagem no redimensionamento das intervenções e no processo de formação continuada dos professores.	
MARCEDO, E. et al. 2014 (PORTUGAL)	<i>Bullying</i> escolar e avaliação de um programa de intervenção	Caracterizar o <i>bullying</i> num grupo de estudantes que frequentam um Agrupamento Vertical de Escolas do Norte de Portugal (AVENP) e avaliar um programa de intervenção, envolvendo toda a comunidade educativa.	A dimensão do bullying encontrada é concordante com os resultados da literatura diminuindo de 14.6% para 10.7% dos estudantes que referem já terem sido vítimas nos últimos dois meses. Relativamente aos bullying provocadores, os resultados evidenciaram diferenças marginais na intensidade do fenómeno, revelando uma diminuição dos comportamentos de agressividade verbal entre os dois momentos ($Z = -1.808$, $p = .071$).	O <i>bullying</i> tem características mutáveis e a Escola tem o papel de o monitorizar, numa lógica longitudinal para se modificarem comportamentos. O programa implementado teve implicações para práticas pedagógicas que promovem a saúde mental dos estudantes.
FRICK, L. T. et al. 2016. (BRASIL)	Estratégias de prevenção e contenção do <i>bullying</i> nas escolas: as propostas governamentais e de pesquisa no Brasil e na Espanha.	Analisar as ações de prevenção e contenção do bullying propostas por pesquisadores e pelas instâncias governamentais, no Brasil e na Espanha.	Consideramos que a Espanha tem percorrido um caminho maior que o Brasil, em termos de atenção ao bullying pelas políticas educacionais, promovendo o desenvolvimento de ações antibullying dentro de uma perspectiva de melhora da	Evidenciamos que as políticas públicas brasileiras precisam investir na formação inicial e continuada dos professores, além da institucionalização de espaços e tempos nas escolas para o planejamento, avaliação, execução e

			convivência, por meio de planos de atuação institucionalizados, apostando nos sistemas de apoio, como a ajuda e a mediação entre iguais.	acompanhamento das ações antibullying.
--	--	--	--	--

Dos 10 artigos que compõem o quadro 1, 9 (90%) eram nacionais e 1 (10%) internacional. Os artigos desta revisão incluem artigos realizados por enfermeiros (70%), e por outros profissionais do sistema educacional (30%), formado por outros profissionais da saúde e da área de humanas.

O Quadro sinóptico abaixo expõe a distribuição das publicações científicas, nos últimos 10 anos, com o objetivo de mostrar como esses artigos estão apresentados na literatura.

A leitura e avaliação dos artigos corroboraram com a criação de dois núcleos temáticos: a) ambiente escolar e caracterização da violência; b) atuação da enfermagem na atenção a infanto-juvenis vítimas de violência.

O ambiente escolar como espaço para a identificação e caracterização da violência entre crianças e adolescentes foi enfatizado em grande parte dos artigos. Estes apontam que o ambiente de ensino é fundamental na constatação da violência que ocorre em crianças, adolescentes e jovens estudantes, já que o estudante passa boa parte do seu dia neste ambiente, presumido em uma média de 4 horas diárias, consequentemente, a violência sendo constatada principalmente pelos educadores, já que estes destinam maior quantidade de tempo de trabalho ao público infanto-juvenil. Portanto, o ambiente estudantil é o meio mais propício para que crianças e adolescentes exponham sua angústia e sofrimento a procura de ajuda (ELSEN, I., et al, 2011; INOUE, S., et al, 2008).

Importante elencar que dentre os artigos pesquisados, os possíveis ambientes em que podem existir a constatação da violência fora do ambiente escolar, são: na consulta de enfermagem ou médica, em programas de apoio e internamentos hospitalares.

Os dados advertem que o principal local que ocorre a violência infanto-juvenil é o doméstico ou intrafamiliar. As publicações nacionais relataram alguns tipos de violência de forma isolada ou associada nos ambientes anteriormente mencionados. Dentre os tipos de violência contra crianças e adolescentes, a sexual é o tipo mais citado, seguido pelo bullying e violência física. Portanto, a violência mais relatada e preocupante para os autores é a violência sexual, marcada pela maioria das vítimas do sexo feminino com idade entre os 8 e 14 anos. A maioria dos agressores do ambiente familiar é constituída muitas vezes por padrasto ou até mesmo o genitor (MARTINEZ, 2011).

Crianças e adolescentes que sofrem violência de qualquer forma, como vítimas ou testemunhas no ambiente domiciliar desencadeiam maneiras para suportar as possíveis eventualidades psicológicas, desenvolvendo atitudes agressivas no ambiente escolar e outros meios de convívio, diferenciando esta violência como um reflexo do sofrimento psíquico. Por vezes, observa-se que as crianças que experimentam o comportamento agressivo em casa refletem a agressividade na escola, principalmente, em momentos em que são realizadas atividades em grupo, na interação com outros alunos, lúdica ou com brinquedos (MARTINEZ, F. W, 2011; ROCHA, K. M. M., 2011).

As crianças e adolescentes vitimadas pela violência, por muitas das vezes, são rejeitadas e/ou hostilizadas por seus colegas de escola e educadores, por exporem maneiras agressivas ou diferenciadas de convívio, causando nestes sujeitos uma carga acentuada de estresse, afetando as relações de vivência social e o processo de educação/aprendizagem. Por isso, este contexto favorece para que a violência sofrida pelo menor estudante seja conservada em sigilo pessoal. A agressão e a violência escolar são uma problemática de saúde que se enquadra e expressa com grande intensidade em consequências negativas para o desenvolvimento psico-biológico infantil, instabilizando a aprendizagem e seguindo, conseqüentemente, para a evasão escolar (NETO, B. W., et al., 2014).

A escola é um lugar excepcional, por operar diretamente no processo coletivo, contínuo e permanente da formação do indivíduo, exercendo o conhecimento, a implantação dos valores éticos, morais, culturais e sociais, como também a formação de costumes, arquitetando a cidadania. Portanto, o meio escolar deve se responsabilizar com a manutenção dos direitos da criança e do adolescente,

propondo maneiras para realizar a proteção, prevenção e apoio, primordialmente aos que carecem no meio familiar (OLIVEIRA, 2007).

O exercício da enfermagem, juntamente a outros profissionais da saúde e educadores, para a constatação precoce das vítimas de violência, e a promoção de saúde e prevenção de agravos foi focado por Neto (2010). Onde, elenca que as ações do enfermeiro são as que mais se destacam para a promoção e a prevenção de agravos da violência e maus-tratos entre crianças e adolescentes em fase escolar até mais que os professores, diretores e pais, mesmo estes tendo papel importante em orientar a respeito da violência contra infanto-juvenis. Assim, apresentando o enfermeiro como um profissional atuante na problemática da violência.

Apesar de que a assistência à vítima da violência deva ser multi/interdisciplinar, a enfermagem toma um lugar relevante neste processo, visto que a atenção dada especificamente pela enfermagem é de foco objetivo e de caráter integral. A qualificação do enfermeiro e sua capacitação para o enfrentamento e constatação de maus-tratos e violência às crianças e adolescentes, apesar de ter sido um tema com menor abordagem nos artigos avaliados, possui relevância fundamental nesta abordagem (SÓ, 2010; RODRIGUES, et al., 2012). Assim sendo, deve haver um empenho das instituições formadoras deste profissional, para manter e expandir a capacitação do profissional de enfermagem por meio de conteúdos adequados e suficientes, além de articularem a teoria e a prática com aspectos e enfoques realistas e contemporâneos (SILVA, 2011).

Conhecedores de que os maiores índices da violência contra crianças e adolescentes surgem no ambiente familiar, o profissional da saúde, enfermeiros, agentes comunitários de saúde e demais profissionais, principalmente, da Estratégia da Saúde da Família por estarem mais próximos às famílias, devem estar capazes a identificar, notificar e promover planos e estratégias para barrar o prosseguimento desta violência e, até mesmo precaver a possível existência nos demais domicílios, contudo o resultado da deficitária formação e capacitação destes profissionais é a má qualidade do serviço prestado na identificação da violência, especialmente na notificação da mesma - por a notificação estarem incompletas -, problematizando a atuação das demais responsáveis (FRICK, 2016).

Frick (2016), constatar que profissionais e educadores brasileiros não se sentem capacitados para lidarem com a violência e que necessitam receberem capacitação acerca do tema. Onde, expõem a dificuldade que descobrem em delimitar a problemática, por escassez de recursos e amparo das instituições formadoras, além da desarticulação da rede de serviço, tornando o processo precário e sem real resolutividade.

Analisando os aspectos citados, constata-se que é de responsabilidade das instituições de ensino formar profissionais com informações suficientes e aptas para agir com efeito perante a problemática do *bullying*. Porém, Santos (2010) e Rocha (2011) sinalizam para o contexto das escolas públicas, devido as crianças e adolescentes serem de famílias de baixa renda e habitarem, frequentemente, em domicílios com maior número de moradores. Conforme os autores, estas famílias adquirem baixo desempenho em relação média da educação familiar brasileira, podendo desenvolver maiores níveis de violência, agressão e/ou maus-tratos. Portanto, se durante a construção da formação acadêmica da Enfermagem existir a abordagem e a oferta de ferramentas direcionadas ao tema, no sentido de orientar os profissionais da educação para que os mesmos possam identificar e notificar a violência e, como agir frente a casos de violência, o ambiente escolar e o mundo psíquico infanto-juvenil, conseqüentemente, serão mais seguros e estáveis.

5 CONCLUSÃO

O trabalho realizado expõe a importância e credulidade da atuação da enfermagem na condução da violência no contexto escolar e, comprova a importância profissional enfermeiro com o tema proposto, mesmo conhecendo este como um tema multidisciplinar.

É notória a obrigação da efetividade de investimentos em momento de capacitação, atualização para incentivo dos profissionais da equipe de saúde e da área de educação, ponderando que as equipes de enfermagem e de saúde estão em contato direto nos serviços e no ambiente familiar com a criança ou adolescente violada pela violência. A escola é o ambiente no qual se manifestam as principais evidências dessa violência.

Deve-se elencar a capacitação voltada para a condução adequada da identificação e notificação dos casos constatados e/ou suspeitos, com o objetivo de dar continuidade às ações necessárias para contenção dos atos violentos, bem como prover subsídios a novas políticas públicas em saúde e educação.

Como a escola é o ambiente no qual se manifestam as principais evidências desta violência, o meio educacional deve atrelar a Enfermagem para trabalharem em conjuntura, com a intenção de aumentar as possibilidades de identificação e intervenção direta e efetiva frente aos casos de *bullying*.

No tocante desse trabalho, o enfermeiro atuando no âmbito da violência entre os escolares desempenha, não somente, o seu papel primordial da assistência, mas, fundamentalmente, o seu papel educacional perante a sociedade em geral, pois é através da ação educativa que o meio social exerce influências sobre os indivíduos, e eles, ao assimilarem e recriarem estas influências tornam-se capazes de estabelecer uma relação ativa e transformadora no ambiente de convívio. Dessa forma, o trabalho mostra que o enfermeiro é capaz e afirma seu compromisso político, moral e social em relação ao adequado manejo do *bullying* no ambiente escolar.

BULLYING NA ESCOLA E O CUIDAR EM ENFERMAGEM

ABSTRACT

The actions of health education have the potential for intervention, prevention and reduction of bullying, which, consequently, is an inherent problem in the nursing area because it has a privileged relationship with the child / adolescent, family and society for the capacity of early identification of situations that may affect the health of the school and consequently the quality of life when involved in violence and aggression. To understand how nursing deals with the problem of bullying in school. Review of descriptive-analytical literature on bullying and care in nursing, developed based on articles, periodicals and online manuals published in Portuguese, Spanish and English, from 2007 to 2016. Knowing that the highest rate of violence against children and adolescents occurs in the family environment, the health professional, nurses, community health agents and other professionals, especially the Family Health Strategy, should be able to be closer to families. To identify, notify and promote plans and strategies to prevent the continuation of this violence and even prevent the existence of new cases, but the result of the poor training and qualification of these professionals is the poor quality of the service provided in the identification of violence.

Keywords: Bullying. Nursing. School. Health Services. family.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, P. H., SANTOS, V. E. P., PEREIRA, A. M., SANTOS, A. L. S., ALVES, R. A. (2013). Atuação de enfermagem em serviços de emergência: revisão sistemática. **Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online**, 5(4), 396-407. Disponível em: http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidado_fundamental/article/view/1655/pdf_893. Acessado em: 12 de outubro de 2016.

ALVES, K. Y. A., SALVADOR, P. T. C. D. O, DANTAS, C. N., & DANTAS, R. A. N. (2013). A sistematização da assistência de enfermagem em crianças vítimas de bullying; **Rev. pesquis. cuid. Fundam.** (Online), 5(5, n. esp), 111-121. Disponível em: http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/1641/pdf_912http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/1641/pdf_913. Acesso em: 12 de outubro de 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. Cadernos de Atenção Básica. **Saúde na Escola**. Brasília - DF, 2009. Disponível em: Acesso em: 13 de outubro de 2016. Disponível em: http://dab.saude.gov.br/docs/publicacoes/cadernos_ab/abcad24.pdf. Acessado em: 18 de outubro de 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. Ministério da Saúde. Área Técnica de Saúde do Adolescente e Jovem. **Apresentação**. Brasília, DF, 2010b. Disponível em: http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/orientacao_basica_saude_adolescente.pdf. Acessado em: 08 de nov de 2016.

BRINO, R. F., WILLIAMS, L. C. A. Concepções da professora acerca do abuso sexual infantil. **Cadernos Pesquisa**, n.119, p. 113-28, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n119/n119a06.pdf>. Acesso em: 12 de outubro de 2016.

BUSCH, V.; LEEUW, R. J. J.; SCHRIJVERS, A. J. P. Results of a multibehavioral healthpromoting school pilot intervention in a dutch secondary school. **Journal of Adolescent Health**, v. 52, p. 400-406, 2013. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/23299009>. Acesso em: 06 de outubro de 2016.

CARVALHO, J. E. Os benefícios das atividades lúdicas para a prevenção do bullying no contexto escolar. Tese (Estudos da Criança: Educação Física, Lazer e Recreação). Minho: **Instituto de Educação da Universidade do Minho**, p. 273, 2012.

CARVALHO, J. E.; BARROS, P. C. Reflexões e estudos realizados com o bullying no contexto escolar. In: CARVALHO, J. E.; BARROS, P. C.; REIS, R. S. (Orgs.). Educação Física, lazer e saúde: desafios e novas perspectivas. Curitiba: **Champagnat**, p. 41-56, 2010. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/13897/1/2013_RaquelGomesPintoManzini.pdf. Acesso em: 15 de outubro de 2016.

DOMINO, M. Measuring the impact of an alternative approach to school bullying. **Journal of School Health**, v. 83, n. 6, p. 430-437, 2013. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/13897/1/2013_RaquelGomesPintoManzini.pdf. Acesso em: 15 de outubro de 2016.

ELSEN, I., et al. Escola: um espaço de revelação da violência doméstica contra crianças e adolescentes. **Psicol Argum**, v. 29, n. 66, p. 303-314, 2011. Disponível em: <http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/pa?dd1=5289&dd99=view&dd98=pb>. Acesso em: 21 de outubro de 2016.

FIGUEREDO, R. C. Percepção dos educadores de uma escola pública sobre educação em saúde e atuação do enfermeiro na escola. **Rev. Cereus**, v. 5, n. 3, p.60-70, set-dez./2013, UnirG, Gurupi, TO, Brasil. Disponível em: <<http://ojs.unirg.edu.br/index.php/1/article/view/60/201>>. Acesso em: 12 de outubro de 2016.

FREIRE, L. A. M. **Educação em Saúde com Adolescentes**: Uma Análise sob a Perspectiva de Paulo Freire [dissertação]. Belo Horizonte (MG): Universidade Federal de Minas Gerais; 2011. Disponível em: <http://acervo.paulofreire.org/xmlui/bitstream/handle/7891/2559/FPF_PTPF_07_0031.pdf>. Acesso em: 13 de outubro de 2016.

FRICK, L. T. et al. Estratégias de prevenção e contenção do *bullying* nas escolas: as propostas governamentais e de pesquisa no Brasil e na Espanha. **Presidente Prudente**. P. 272, 2016. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/136467/frick_lt_dr_prud.pdf?Sequence=3> Acesso em: 16 de abr 2017.

GOMES, J. P. As escolas promotoras de saúde: uma via para promover a saúde e a educação para a saúde da comunidade escolar. **Educação**. Porto Alegre, v. 32, nº. 1, p. 84-91, jan./abr. 2009. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/fo/ojs/index.php/faced/article/view/5229/3858>>. Acesso em: 12 de outubro de 2016.

GOMES, C. M; HORTA, N. C. Promoção de Saúde do adolescente em âmbito escolar. **Rev. APS**, Juiz de Fora, v.13, n.4, p.486-499, out./dez. 2010. Disponível em: < <https://aps.ufjf.emnuvens.com.br/aps/article/view/897>>. Acesso em: 03 de nov de 2016.

INOUE, S. Violência sexual: caracterização e análise de casos revelados na escola. **Estudos de Psicologia**, v. 25, n.1, p. 211-221, 2008. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-166X2008000100002&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 14 de out de 2016.

MACIEL, M. E. D. Educação em saúde: conceitos e propósitos. **Cogitare Enferm.** 2009; 14(4): 773-6. Disponível em: < <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/cogitare/article/download/16399/10878>>. Acesso em: 13 de out. 2016.

MARCEDO, E. et al. **Bullying escolar e avaliação de um programa de intervenção**. Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental (Ed. Esp. 1), p. 15-20, 2014. Disponível em: < <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/29496/1/Artigo%20RPESM%20SciELO.pdf>> Acesso em: 20 de abr 2017.

MARTINEZ, F. W. **BULLIYNG NO AMBIENTE ESCOLAR: a importância de intervir. Primary and Middle**. P. 24, 2011. Disponível em: < <http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/35437/FLAVIA%20WEGRZYN%20MARTINEZ.pdf?Sequence=1>> Acesso em: 18 de abr 2017.

NETO, B. W., et al. Intervenção educativa sobre violência com adolescentes: possibilidade para a enfermagem no contexto escolar. **Esc. Anna Nery**, vol.18 n.2, 2014. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452014000200195> Acesso em: 22 de abr 2017.

NOBLAT, L. et al. Validation of criteria for nosocomial use of Amikacin in Brazil with the Delphi technique. **Braz J Infect Dis**. Salvador, v. 10, n. 3, p. 173-8, 2006.

OLIVEIRA, A. S.; ANTÔNIO, P. S. Sentimentos do adolescente relacionados ao fenômeno bullying: possibilidades para a assistência de enfermagem nesse contexto. **Rev. Eletr. Enf. [Internet]**. V. 8, n. 1, p. 30-41, 2006. Disponível em: < https://www.fen.ufg.br/fen_revista/revista8_1/original_04.htm>. Acesso em: 17 de abr. 2017.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Relatório mundial sobre violência e saúde. **Genebra**, 2002. Acesso em: 14 out. 2016. Disponível em: < <https://www.opas.org.br/relatorio-mundial-sobre-violencia-e-saude/> >. Acesso em: 14 de out de 2016.

ORPINAS, C. La prevención de la violencia escolar: de la teoría a la práctica. In: BERGER, C.; LISBOA, C. (Eds). *Violencia Escolar. Estudios y posibilidades de intervención en Latinoamérica*. Santiago, Chile: **Editorial Universitaria**, p. 35-58, 2009.

PEREIRA, B. et al. Bullying escolar: programas de intervenção preventiva. In GISI, M. L.; ENS, R. T. (Eds.), *Bullying nas escolas: estratégias de intervenção e formação de professores*. Curitiba: **Unijuí**, p. 205, 2011. Disponível em: < <http://www.ufjf.br/ppgpsicologia/files/2010/01/G%C3%A9ssica-Castellani-Andrade.pdf> / >. Acesso em: 10 de out de 2016.

RISTUM, M. Bullying escolar. IN: ASSIS, SG (Org.), CONSTANTINO, P; AVANCI, J. Q. *Impactos da violência na escola: um diálogo com professores*. Rio de Janeiro: **Ministério da Educação/Editora Fiocruz**, p. 95-119, 2010. Disponível em: < <http://cdnbi.tvescola.org.br/resources/VMSResources/contents/document/publication/s/1449253008609.pdf> >. Acesso em: 02 de nov de 2016.

RODRIGUES, A. R., et al. *BULLYING: ações de enfermagem na infância e adolescência*. **Livrozilla**. V.5, n.3, p. 10, 2013. Disponível em: < <http://livrozilla.com/doc/1661874/bullying--a%C3%A7%C3%B5es-de-enfermagem-na-inf%C3%A2ncia-e-adolesc%C3%A2ncia> >. Acesso em: 22 de abr 2017.

ROCHA, K. M. M. Atuação da escola frente à violência: estudo comparativo entre duas instituições de ensino. **Cad. Pesqui**. Vol.36 n.127, 2011. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742006000100003 > Acesso em: 26 de abr 2017.

SANTOS, F. P. A. et al. Estratégias de enfrentamento dos dilemas bioéticos gerados pela violência na escola. **Physis**. V. 21, n. 1, p. 267-81, 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312011000100016. Acesso em 11 de mar de 2017.

SANTOS, N. P. “BULLYING” e as ações de enfermagem: uma revisão integrativa. **Repositório Digital**, p. 52, 2010. Disponível em: < <http://hdl.handle.net/10183/24883> >. Acesso em: 13 de abr 2017.

SILVA, M. A. L., et al. O olhar de professores sobre o *bullying* e implicações para a atuação da enfermagem. **Rev. esc. enferm. USP**. Vol.48 n.4, 2011. Disponível em:

< http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0080-62342014000400723&script=sci_arttext&tlng=pt> Acesso em: 23 de abr 2017.

SILVA, M.A.I. Bullying entre pares na escola: desafio aos enfermeiros que atuam na atenção básica à saúde. **Rev. Eletr. Enf.** [Internet]. v. 15, n. 3, p. 603-4, jul./set. 2013. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5216/ree.v15i3.24527>>. Acesso em 12 de out de 2016.

SILVA, L. M. P., et al. Atuação da enfermagem frente à violência sexual contra crianças e adolescentes. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 64, n. 5, p. 919-924, 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672011000500018. Acesso em 12 de abr de 2017.

SILVA, M. A. I. Bullying entre pares na escola: desafio aos enfermeiros que atuam na atenção básica à saúde. **Rev. eletr. enf. [Internet]**. v. 15, n. 3, p. 603-4, 2013. Disponível em: < https://www.fen.ufg.br/fen_revista/v15/n3/pdf/v15n3a01.pdf >. Acesso em: 15 out. 2016.

SÓ, S.L. *BULLYING* nas escolas: uma proposta de intervenção. **Repositório Digital**, p. 83, 2010. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/37003/000787333.pdf>>. Acesso em: 13 de abr 2017.

TREZZA, M. C. A. F.; SANTOS, R. M.; LEITE, J. L. Enfermagem como prática social: um exercício de reflexão. **Rev. Bras. enferm. Brasília**, v. 61, n. 6, p. 904-8, 2008.